

O pastor Roberto Swerch faz o balanço de dez anos de convívio Suruí-Funai: 70% da tribo morreu

O contato com o branco reduziu os Suruis, grupo indígena de Rondônia, em 70%: eles eram mais de mil em 1969, época do primeiro contato, e hoje estão reduzidos a cerca de 280 índios. A denúncia, feita em entrevista à repórter Izilda Alves, é do pastor Roberto Zwetsch, gaúcho, 27 anos, há cinco anos dedicado à causa indígena e que conviveu com o grupo de 1978 a 1979. Missionário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, sua missão era desenvolver um trabalho de educação junto aos Suruis. Mas foi curta a permanência da família Zwetsch na área: ele, a esposa e uma filha pequena foram expulsos pela Funai, "sem explicações".

Na sua chegada à Reserva dos Suruis, parte do Parque Indígena de Aripuanã, o que mais o impressionou foi a reivindicação dos índios: "Eles estavam exigindo escola. Principalmente, os mais jovens, que já tinham saído da aldeia e visitado algumas cidades, como Porto Velho. Eles mostravam grande interesse em aprender a ler e escrever em português. Então, achamos que primeiro precisávamos aprender alguma coisa da cultura deles, da sua língua, e este foi o nosso primeiro trabalho. Não chegamos a realizar nada, em termos de educação, porque não houve tempo para isso, devido a algumas dificuldades que tivemos com a Funai.

Fundamentado nos seus estudos sobre os Suruis, o pastor Roberto Zwetsch afirma que, nestes 10 anos de contato, eles vêm sendo vítimas de sucessivas epidemias — principalmente, de gripe, sarampo, tuberculose e coqueluche — e que suas terras demarcadas em 1977, continuam sendo invadidas. Ele denuncia que a Reserva dos Suruí foi "invadida por mais ou menos 250 famílias".

— Os Suruis vivem numa área de 230 mil hectares, dividida em duas aldeias: uma com 180 e a outra com cerca de 90 a 100 índios. A demarcação não tem impedido a invasão dessa área e o que se tem notado é que de ano para ano essa invasão aumenta, porque, como se sabe, continuam chegando constantemente a Rondônia levas de imigrantes de diversos Estados. Numa estimativa por alto, apuramos que são mais ou menos 23 mil famílias sem terra, em Rondônia, o que significa uma pressão muito forte sobre as terras indígenas.

Os índios — prossegue o pastor — não aceitam de jeito nenhum esta invasão e constantemente estão indo a Porto Velho, pedir uma solução para a Funai, que há tempos vem prometendo a retirada dos colonos. Ainda em março — comenta o missionário —, foi publicado num jornal paulista, que o Inera (Instituto Nacional

de Colonização e Reforma Agrária) estava separando uma outra área para essas famílias, mas até agora não se sabe de nenhuma medida concreta nesse sentido.

Apesar de tudo, os Suruis — comenta o pastor — ainda guardam muito de suas festas e tradições e continuam falando sua língua, alguns chegando apenas a se expressar em português elementar. O missionário lembra que o contato com os Suruis foi iniciado em 1968 e levou um ano para ser feito: só em 69 é que a Frente de Atracção da Funai, os contactou face a face, trabalho realizado por Apoiana Meirelles, hoje, delegado do 8.º Distrito Regional em Porto Velho.

Hoje, enquanto a Funai e o Inera não intervêm para resolver o problema da invasão de suas terras, os Suruis partem para a ação e "avisam os colonos que devem sair".

Esta crise observada pelo pastor é confirmada pelo "Porantim", jornal do Conselho Indigenista Missionário, da Amazônia: "Os Suruis invadem as casas levando mantimentos e utensílios, ferramentas e parte da produção, intimidando, exercendo de fato o direito que lhes cabe não só por razões legais como consta do próprio Estatuto do Índio, mas muito mais por razões históricas."